

A evocação da memória associada ao 25 de Abril no Facebook

Bernardo Da Costa Carvalho Gouveia

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Doutor Jorge Vieira, Professor Auxiliar

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Doutor Manuel Loff, Professor Associado,

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Outubro, 2022

Departamento de Sociologia

A evocação da memória associada ao 25 de Abril no Facebook

Bernardo Da Costa Carvalho Gouveia

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Doutor Jorge Vieira, Professor Auxiliar

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Doutor Manuel Loff, Professor Associado,

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Outubro, 2022

Agradecimentos

A conclusão desta etapa no meu percurso académico implica agradecer a um conjunto de pessoas que me acompanharam e apoiaram ao longo dos dois últimos anos. Deste modo, começo por agradecer todos os incansáveis contributos dos professores Jorge Vieira e Manuel Loff, sem os quais a elaboração desta dissertação seria muito mais difícil de executar, bem como pela constante disponibilidade demonstrada para que fosse bem-sucedido.

Agradeço à minha família, mas de modo particular aos meus irmãos Francisco e Joaquina, por serem a minha força e o equilíbrio de toda e qualquer fase da vida. Ao Tiago e ao Rodrigo, indefectíveis amigos que fraternalmente levo para a vida.

Agradeço ainda a todos os que me acompanharam no percurso curricular, bem como no associativismo, em especial à incansável equipa da Federação Académica de Lisboa, onde tive a honra de representar os estudantes do Ensino Superior o melhor que sabia.

Resumo

A democratização do acesso à internet no final do século passado e, mais concretamente, o desenvolvimento de redes sociais *online*, entre as quais se destaca o *Facebook*, vieram modificar o modo como a memória pessoal e coletiva são tratadas e evocadas na sociedade. A constituição de comunidades *online* tornou-se uma prática recorrente, sobretudo através de grupos de discussão em torno de matérias específicas, como por exemplo acontecimentos históricos. Deste modo, a presente dissertação ocupa-se de perceber como um acontecimento do Portugal contemporâneo com a dimensão do 25 de Abril é evocado e celebrado de forma digital e em rede por uma comunidade imaginada, que se estabelece em torno da partilha da celebração da Revolução e, conseqüentemente, dos seus valores. A análise desenvolvida neste trabalho procura perceber de que forma o grupo de *Facebook* “25 de Abril” evoca o acontecimento histórico que lhe serve de mote, através da interpretação dos dados resultantes de uma análise dual, dividida entre o método de codificação e a análise dos conteúdos partilhados pelos perfis que constituem esta comunidade *online*. Foi possível perceber que a comunidade online configura um espaço mediado para que a comunidade imaginada evoque a Revolução na esfera digital, sobretudo através de dimensões ligadas à memória histórica e à comemoração.

Palavras-chave: 25 de Abril, Memória, Revolução, Facebook, Mediação.

Abstract

The internet access democratization that occurred in the end of the last century and, more specifically, the online social media development, among which Facebook stands out, changed the way personal and collective memory are treated and evoked in society. The constitution of online communities became a practice, especially through discussion groups around specific subjects, such as historical events. Thus, the present dissertation is concerned with understanding how an event of the contemporary Portugal with the dimension of 25th of April is virtually evoked and celebrated by an imagined community, which is established around the sharing of the celebration of the Revolution and, consequently, its values. The analysis developed in this work seeks to understand how the Facebook group “25th of April” evokes the historical event that serves as its motto, through the interpretation of data resulting from a dual analysis, divided between coding and the analysis of the content shared by the profiles that compose this online community. It was possible to realize that the online community configures a mediated space for the imagined community to evoke the Revolution in the digital sphere, especially through dimensions linked to historical memory and commemoration.

Keywords: 25th of April, Memory; Revolution, Facebook, Mediation.

Índice

Agradecimentos	
Resumo	
Abstract	
Introdução	1
Estado da Arte	3
1.1. A memória coletiva.	3
1.2. A memória mediada	4
1.3. A memória do 25 de Abril	6
Metodologia	11
Análise	15
Conclusão	29
Bibliografia	31
Anexos	35

Introdução

Percorrido quase meio século desde a Revolução do 25 de Abril, constata-se que a conservação da memória em torno deste período histórico tem ocorrido de formas distintas, quer institucionalmente, com a concretização de projetos museológicos, quer pela publicação e gravação de materiais que conservam testemunhos sobre a Revolução (Raimundo, 2015; Cruzeiro, 2018). Estes são elementos fundamentais para uma melhor compreensão de fenómenos históricos recentes, sobretudo por parte das gerações que não os presenciaram.

A crescente preponderância dos meios digitais e da comunicação em rede a que se tem assistido nas últimas décadas influenciou diferentes dimensões da vida em sociedade, dado que a interação e a comunicação são também moldadas por dinâmicas próprias da esfera digital. Desta forma, o modo como é evocada a memória de determinados acontecimentos é simultaneamente influenciada pela mediação *online*, produzindo alterações que configuram um campo de estudo recente que incide sobre a memória mediada.

Determinadas plataformas digitais, designadamente o *Facebook*, permitem que a componente memorialística se desenvolva em grupos evocativos de determinados acontecimentos históricos, constituindo um local privilegiado para aferir em que medida esta evocação é transposta para o *online*. Assim, o grupo de *Facebook* “25 de Abril” constitui o foco da análise do estudo que se desenvolve, por ser o grupo evocativo da Revolução que agrega o maior número de perfis nesta rede social.

Neste trabalho pretende-se contribuir para o estudo relativo à memória do 25 de Abril, que tem sido enquadrada no trabalho de diversos autores e investigadores nas últimas décadas. Porém, ambiciona-se enquadrar este estudo da celebração do 25 de Abril particularmente no contexto digital, percebendo de que forma se expressa a componente mediada da memória em torno da Revolução, o que configura uma perspetiva de análise original no contexto português, justificada pelo supracitado recente desenvolvimento desta área de investigação a nível internacional.

O objetivo central desta investigação passa, então, por compreender a preservação da memória coletiva digital do 25 de Abril na atualidade, abordando de forma mais concreta a rede social *Facebook*. Deste modo, a análise desenvolvida procurou responder ao

problema de investigação “Pode uma comunidade imaginada em torno do 25 de Abril constituir-se sob a forma de uma comunidade *online* num grupo de Facebook que evoca a Revolução?”. Sendo esta a linha condutora do trabalho, a análise permitiu responder a duas questões de partida, designadamente “De que formas o grupo de Facebook ‘25 de Abril’ evoca a Revolução?” e “Como ocorre a celebração do dia 25 de Abril na comunidade digital que compõem o grupo de *Facebook*?”.

De modo a responder a estas questões, foram analisadas as publicações efetuadas por membros do grupo “25 de Abril” entre os dias 20 e 30 de abril de 2022, um período onde se insere a efeméride que serve de mote a esta comunidade *online*. Este hiato temporal pretende acompanhar exclusivamente a celebração da Revolução, pelo que o período de análise teve o seu término ainda em abril, excluindo propositadamente o Dia do Trabalhador, a 1 de maio. A análise realizada tem uma dimensão dual, compreendendo primeiro a codificação do conteúdo publicado e, posteriormente, uma análise de conteúdo.

Estado da Arte

A evocação do 25 de Abril enquanto fenómeno coletivo experienciado por diversos dos perfis que publicam no grupo de *Facebook* em análise constitui um exemplo da preservação da memória coletiva no contexto *online*. Como tal, urge explicitar como os conceitos de memória coletiva, e mais especificamente a sua componente mediada, têm sido aprofundados pela literatura académica.

A preponderância da dimensão histórica que este trabalho incorpora, agregada à Revolução do 25 de Abril, justifica ainda enunciar como a memória relacionada com este acontecimento tem sido preservada.

A memória coletiva

A definição primordial do conceito “memória coletiva” foi delineada na primeira metade do século XX, resultando, em grande parte, da influência da teoria formulada por Émile Durkheim e pelo filósofo Henri Bergson. Para Maurice Halbwachs (1992), a memória é entendida enquanto construção social, defendendo o autor que as recordações individuais existem à luz da sociedade em que se inserem. O binómio indivíduo-sociedade é, de resto, uma extensão da teoria previamente formulada por Durkheim de que a sociedade é resultado de uma identidade coletiva, que compreende em si uma estreita relação com o passado.

Porém, a defesa da conceção de memória enquanto fenómeno coletivo é fruto de uma tradição recente, relacionada em grande medida com o surgimento das ciências sociais. Esta nova forma de ver a memória contrasta, de resto, com o pensamento proveniente da Grécia Antiga, no qual Platão e Aristóteles se preocupavam em responder ao que significa ter memória e não à entidade coletiva (quem) que recordará o passado (Ricoeur, 2004).

Ao longo do século XX, outros autores aprofundaram e ajudaram a consolidar os estudos na área da memória, como é o caso de Pierre Nora. Já no final do século passado, este historiador defendeu que se assistia a uma “Era da comemoração”, na qual a sociedade contemporânea tem consciência histórica de si mesma (Nora, 1989). Partindo do estudo da sociedade francesa, mas alargando as suas conclusões relativas à nova “vaga de memória” a outras realidades semelhantes, em que porventura é possível considerar a

inserção de Portugal, Nora complementa a teoria de Maurice Halbwachs. O historiador francês definiu ainda uma noção conceitual particularmente relevante na análise do 25 de Abril enquanto fenómeno histórico, designadamente o que apelidou de *lieux de mémoire*:

“A *lieu de memoire* is any significant entity, whether material or nonmaterial in nature, which by dint of human will or the work of time has become a symbolic element of the memorial heritage of any community.” (Nora, 1996: 17).

Este conceito incorpora três sentidos distintos, segundo o autor: o material, o simbólico e o funcional. Estes sentidos podem operar individualmente, pois há memórias que não remetem para um contexto simbólico e outras que não representam algo material, mas podem também ser mobilizados em conjunto, como no caso de uma geração que atravessou um determinado período histórico. As experiências pessoais e coletivas ocorridas nesse período são partilhadas somente por uma franja da população que as transmite às gerações mais recentes (Nora, 1996).

A contemporaneidade da Revolução constitui, de resto, um desafio para o estudo histórico desse período, pois como aponta Enzo Traverso «os historiadores do século XX são tanto “exilados” quanto “testemunhas” (primárias ou secundárias), visto estarem profundamente envolvidos nos eventos que constituem o objeto da sua investigação» (Traverso, 2014: 408).

A memória sobre o 25 de Abril pode ainda ser inserida na teoria da memória cintilante, ou *flashbulb memory*, definida na década de 1970 por Roger Brown e James Kulik. Segundo esta teoria, certos acontecimentos de elevada relevância histórica tendem a ser cristalizados com precisão na memória de quem os vive, conservando diversos detalhes relativos ao acontecimento, pelo que a memória da Revolução pode ser considerada também uma memória cintilante, dadas as características do acontecimento para que remete (Pinto, 1998).

A memória mediada

A revolução da tecnologia da informação que ocorreu nas últimas duas décadas do século XX veio alterar, por via dos meios digitais, muitas das dinâmicas que fora deles tinham lugar até então, algo facilitado pela plenitude digital que caracteriza a “sociedade em rede” (Castells, 2007). O surgimento de redes sociais *online* possibilitou o

desenvolvimento de novas modalidades de contacto entre as pessoas em comparação com os meios disponíveis previamente, como o telemóvel ou o correio. A comunicação realizada através destas plataformas digitais facilitou o acesso a audiências mais vastas, superando as audiências circunscritas e limitadas pelos meios telefónicos (Schroeder, 2018).

No campo das relações sociais, a transição para um modelo mais massificado de comunicação, acompanhada da crescente digitalização, alterou ainda a forma como a memória coletiva é preservada. E é a partir da dupla aceção do verbo “digitalizar” que esta transformação pode ser compreendida, pois, enquanto a tecnologia e os meios digitais se tornaram preponderantes no nosso quotidiano, tal significou também a transição de arquivos físicos pessoais e coletivos, designadamente de fotografias e documentos, para o digital.

A consolidação do conceito de “memória mediada” deve-se, em grande parte, à teoria formulada por José Van Dijck. Para a autora, foram notórias as alterações na forma como são evocadas as memórias quando se apercebeu de que as caixas de sapatos, onde durante décadas era usual as pessoas juntarem recordações e objetos, estavam a ser substituídas por DVD e pela memória interna de dispositivos eletrónicos. Através deste exemplo, a autora conclui que a alteração gradual do material para digital contribui para uma nova forma de mediação da memória cultural e coletiva (Van Djik, 2007).

Como consequência desta nova realidade social, mediada por inerência, surgiu a área de estudo da memória mediada, derivada da investigação no campo quer dos média, quer da memória. Esta linha de investigação recente tem-se debruçado sobre o modo como as diferenças de representação nos média e as narrativas que estes produzem influenciam a perceção da sociedade enquanto um todo e, consequentemente, os efeitos que nutrem na memória coletiva.

Numa primeira fase, os investigadores ocuparam-se em estudar a construção de uma memória coletiva através de meios como a rádio, a televisão ou os jornais. Porém, a era digital veio acrescentar o *online* como campo de estudo mais recente. Todos estes canais mediáticos operam enquanto meta-agentes pois, para além de estabelecerem um novo modelo de comunicação, existem simultaneamente enquanto canais de preservação da memória, dada a sua prevalência no seio da sociedade contemporânea (Hoskins, 2017).

O modo como a memória é mediada através de novas plataformas, bem como a crescente utilização das mesmas, contribui para uma transição da memória coletiva clássica para uma “memória da multidão” (Hoskins, 2017). Esta noção, definida por Andrew Hoskins, baseia-se na constatação de que a sociedade atual é caracterizada por modelos de comunicação mais complexos que envolvem redes, plataformas *online* e aplicações. A memória conhece na atualidade uma conectividade que a tecnologia propicia em virtude das dinâmicas das plataformas digitais. Estas vieram transformar o modo como a memória é partilhada, pois enquanto os conteúdos online permanecem disponíveis por tempo indeterminado, as histórias e estórias transmitidas de forma oral consagram-se como momentos únicos e irrepetíveis (Hoskins, 2009). Assim, torna-se oportuno perceber como a utilização de uma rede social *online* como o *Facebook* conduz à perenidade de publicações que evoquem dimensões da memória, nomeadamente sobre a Revolução.

O paradigma de crescente utilização das redes sociais veio acentuar-se em virtude do surgimento da pandemia de Covid-19, consolidando o *Facebook* como umas das plataformas preferenciais dos utilizadores a nível mundial (Volkmer, 2021). Neste sentido, e devido às restrições sanitárias vigentes intermitentemente ao longo dos últimos dois anos, o grupo de *Facebook* em análise constituiu uma plataforma privilegiada para a evocação e recordação do 25 de Abril, em congruência com a crescente transição da memória analógica para o digital.

A utilização dos grupos de *Facebook* enquanto meio para constituir uma comunidade exclusivamente *online* pode ser compreendida pelo conceito de comunidades virtuais, avançado por Vin Dijck. Estas são caracterizadas como associações de utilizadores que partilham somente o interesse particular que os leva a participar num determinado espaço mediado, por exemplo suma rede social, não mantendo qualquer ligação fora da esfera virtual (Van Dijck, 2006). Neste sentido, o grupo “25 de Abril” constitui uma comunidade virtual onde a interatividade entre os membros que a constituem é concentrada em torno do acontecimento histórico que a Revolução representa.

A memória do 25 de Abril

A década de setenta do século XX marca o início de uma nova vaga de democratizações, desencadeada pelo 25 de Abril em Portugal, a par de transições democráticas em países do Sul da Europa, designadamente Grécia e Espanha (Huntington, 1991). O processo de

democratização a que se assistiu no contexto português, surgiu com o golpe militar conduzido a 25 de Abril de 1974 por um grupo de capitães, que encontrou nas ruas o apoio popular para consubstanciar o sucesso da transição de regime (Rezola, 2007).

Como sintetiza Luciana Soutelo (2012), “a análise da memória sobre experiências revolucionárias suscita a problemática da maneira como a revolução é pensada na atualidade”, pelo que é verosímil distinguir diferentes períodos relativos à memória do 25 de Abril em Portugal. A transição entre o Estado Novo e um modelo democrático conduziu à necessidade de lidar com a memória do passado autoritário recente num quadro de especial complexidade.

O período que dista entre a Revolução e a aprovação da Constituição da República Portuguesa, em 1976, é marcado por um “ajuste de contas” com o passado, materializado em exonerações de detentores de altos cargos do Estado, saneamento de funcionários públicos e gestores da Administração pública ou de empresas privadas, e ainda pela restrição de direitos políticos de antigos representantes da elite política do Estado Novo (Raimundo, 2015). Simultaneamente, este hiato temporal de dois anos correspondeu, em paralelo, a uma hegemonia da memória antifascista, consubstanciada, por exemplo, nas homenagens públicas a resistentes e antigos presos políticos durante a ditadura salazarista e no aumento da edição de obras de carácter testemunhal a recordar a repressão vivida ao longo das décadas de autoritarismo (Loff, 2015).

Sobretudo depois da Revolução, a leitura da memória histórica do 25 de abril tem conhecido uma visão de traços mais simplistas, assente num conjunto de noções transversalmente difundidas, e que Maria Manuela Cruzeiro resume assim:

“O país democratizou-se automaticamente, com uma revolução sem sangue, ultra-consensual, que não teve uma única reacção negativa, e que depois de um breve período de alguma confusão da responsabilidade de perigosos esquerdistas, entrou no eixo da normalidade de uma democracia parlamentar, ocidental, caminho único e óbvio, rumo ao progresso e à paz social.” (Cruzeiro, 2014: 28).

Esta análise tendencialmente hegemónica em Portugal, que tende a contrapor a revolução à democracia parlamentar, não é dissociada do revisionismo histórico que ocorre em Portugal a partir da década de 1980, alicerçado num conjunto de tendências interpretativas do 25 de Abril que, esvaziando a tradição revolucionária, se traduzem no suavizar das experiências autoritárias (Soutelo, 2014).

Neste contexto de reflexão sobre a memória histórica da Revolução, são paradigmáticas as polémicas em torno das comemorações do vigésimo e trigésimo aniversário do 25 de Abril. Em 1994, a celebração é condicionada por um debate televisivo que ocorre na SIC com Óscar Cardoso, antigo inspetor da polícia política a quem havia sido concedido um aumento na pensão a que tinha direito por serviços relevantes prestados à pátria (Soutelo, 2014). Este episódio desencadeia uma reação conjunta de diversos setores políticos, sobretudo à esquerda, que promovem um ato público em torno de um manifesto, encontrando-se essencialmente unidos na defesa da memória da resistência ao autoritarismo e contra o branqueamento da ditadura. Este momento será, porventura, aquele em que a “disputa pela memória do passado ditatorial mais se terá concentrado no espaço mediático” (Loff, 2015: 98). Uma década mais tarde, a comissão oficial designada para planear as comemorações em torno do 25 de Abril determina como slogan para as mesmas “Abril é Evolução”. Ao retirar o “R”, que simbolizava o carácter revolucionário original, as celebrações passavam a abarcar uma visão neo-conservadora e neo-liberal congruente com a realidade sociopolítica então vigente (Cruzeiro, 2014).

A história da memória da Revolução em Portugal pode, de resto, ser traçada de acordo com os sucessivos processos de revisão constitucional, que simbolizam a expressão última do esbater da veia revolucionária impressa pelo 25 de Abril por oposição à abertura ao modelo capitalista de desenvolvimento que a lei fundamental passou a consignar (Loff, 2015).

Ao longo do tempo, o estudo da memória relativa ao 25 de Abril foi sendo diversificada, uma vez que para além do estudo longitudinal da mesma, de que são exemplo os trabalhos dos autores referidos anteriormente, é possível destacar ainda o estudo da importância da história oral no contexto específico da Revolução e, mais recentemente, trabalhos de investigação sobre o legado da memória deste período histórico nas artes (Craveiro, 2016; Lança, 2016). O meu trabalho pretende representar um acréscimo à teoria formulada sobre esta questão, explorando uma nova vertente no estudo da memória relativa ao 25 de Abril.

A vertente coletiva da preservação da memória do 25 de Abril leva ainda a considerar a definição de uma comunidade imaginada formada em torno da evocação da Revolução. Esta comunidade replica o quadro conceptual das “comunidades imaginadas” desenvolvido por Benedict Anderson e que procura explicar a construção social que

caracteriza o conceito de nação. Defende o autor que a partilha de uma identidade nacional é constituída por uma rede de cidadãos que não carecem de estabelecer qualquer ligação entre si para adquirirem a ideia comum do que é a nação (Anderson, 2006). Deste modo, torna-se verosímil determinar que a perceção comum do significado e dos valores do 25 de Abril, assim como das celebrações deste acontecimento histórico, conduzem à formação de uma comunidade imaginada que celebra a Revolução mesmo que os seus membros o façam de forma individual.

Metodologia

De modo a responder ao principal problema de investigação, bem como às questões de partida previamente enunciadas, foram utilizados dois métodos de análise de cariz qualitativo. Este tipo de análise, por oposição à vertente quantitativa, procura compreender determinados fenómenos a partir da explicação do contexto em que os mesmos ocorrem e da compreensão do seu significado, utilizando para tal conceitos teoricamente fundamentados (Silverman, 2020).

Foi utilizado um modelo de análise complementar entre dois métodos distintos, designadamente a codificação e a análise de conteúdo, o que permitiu uma dupla leitura das publicações efetuadas no grupo de *Facebook* em análise. Por um lado, foi possível compreender a evocação das distintas formas de evocar a Revolução neste grupo através da codificação estruturada das publicações, enquanto o segundo método selecionado visou realizar uma leitura interpretativa de uma seleção de imagens que compõem a amostra.

A evocação do 25 de Abril no *Facebook* foi aferida através da análise ao maior grupo público nesta rede social *online* sobre a Revolução, designadamente o grupo “25 de Abril”, que contava com 6059 membros à data de 4 de julho de 2022.

Inicialmente, a amostra deste trabalho ambicionava recolher publicações de abril de 2020, 2021 e 2022, contudo esta pretensão foi limitada pela lógica de funcionamento dos grupos de *Facebook*, uma vez que não é possível filtrar a pesquisa de publicações cronologicamente. A amostra deste trabalho é, então, composta pelas publicações realizadas por perfis de *Facebook* no grupo “25 de Abril” entre os dias 20 e 30 de abril de 2022, totalizando-se 228 publicações no referido período temporal. O intervalo de tempo selecionado permite que o início e o final da recolha de dados distem igualmente cinco dias do dia 25 de Abril, acompanhando o período de celebração desta data que serve de mote para a existência do grupo. Com a seleção deste período pretende-se englobar exclusivamente as publicações ocorridas em abril, determinando um período de celebração da Revolução que não coincida já com maio e, consequentemente, com a celebração em torno do 1º de Maio.

Iniciando a descrição da metodologia em torno do processo de codificação, deve referir-se que este assenta numa ferramenta de análise textual adaptada a diversas formas

de conteúdo, através da sua transposição para códigos, ou seja, palavras ou curtas expressões que simbolicamente evocam um atributo aos dados e procuram sumarizar a sua essência (Saldana, 2016). A principal objeção à utilização deste método é apresentada por Packer (2011), citado por Saldana (2016), da seguinte forma: “But the strongest objection to coding as a way to analyze qualitative research interviews is not philosophical but the fact that it does not and cannot work. It is impossible in practice.” (Packer, 2011, 80). Pelo contrário, e numa visão oposta à de Strauss (1987), citado também por Saldana (2016), que defende que a excelência na pesquisa associada à análise qualitativa reside na excelência da codificação dos dados. A sintetização dos mesmos através do processo de codificação acrescenta-lhes valor, uma vez que da organização temática dos dados primários emergem categorias mais sólidas que permitem sustentar a análise (Madden, 2010).

O processo de codificação não visa somente apurar categorias, uma vez que procura também estabelecer conexões entre os dados e formar padrões, pelo que está agregado, primeiramente, a uma componente interpretativa e assente numa dimensão subjetiva (Saldana, 2016). Porém, de modo a obter categorias sólidas devem ser garantidas diversas condições. As “boas categorias” podem ser distinguidas através do cumprimento de um conjunto de critérios, entre os quais: a exclusão mútua, não permitindo que os dados codificados possam constar em mais do que uma categoria ao mesmo tempo no seio da análise; a pertinência, uma vez que as categorias se devem encontrar adaptadas aos dados que compõem a análise; a objetividade e a fidelidade, invalidando que a subjetividade da codificação impossibilite a boa definição de categorias face à análise que se pretende desenvolver, refletindo as intenções da investigação; e a produtividade, relacionada com o facto do conjunto de categorias final possibilitar resultados robustos (Bardin, 2014).

A codificação está ainda associada à realização de ciclos de análise dos dados, através da recodificação, sendo expectável que as categorias finais sejam mais precisas do que as resultantes da primeira codificação (Saldana, 2016). Porém, o número de categorias a atingir não gera consenso entre os autores que abordam este método. Marilyn Lichtman (2006) reiterava que o ideal seria chegar a um maior número de códigos, entre 80 e 100, para que estes originassem 15 a 20 categorias que, por último, permitiriam apurar 5 a 7 conceitos centrais para a análise. Por outro lado, Cresswell (2007) aponta para um processo inverso a iniciar pela recolha de 5 ou 6 códigos provisórios, que originariam 25 a 30 categorias, seriam, posteriormente, agregadas em 5 a 6 conceitos principais. Sem

detalhar os números que devem balizar o método da codificação, Saldana (2016) avança com a noção de que o número final de conceitos principais a constar na análise qualitativa deve ser o menor possível, defendendo a inexistência de um “número mágico” a atingir.

O segundo método que compõe este trabalho é a análise de conteúdo, uma metodologia de análise que evoluiu ao longo das últimas décadas e que se pode resumir como “uma prática que visa interpretar de forma sistemática o sentido de uma qualquer mensagem (textual, gráfica, discursiva) produzida num dado contexto.” (Reis, 2017: 205).

A utilização primordial deste método de forma consistente remonta ao início do século XX, ainda que tenham existido previamente aplicações esporádicas relacionadas com o conceito da análise de conteúdo. O desenvolvimento deste tipo de análise parte do trabalho elaborado por Harold Lasswell no campo do estudo da imprensa e da propaganda no rescaldo da I Guerra Mundial. Nas décadas posteriores, este método foi aplicado, sobretudo, em departamentos de Ciência Política nos Estados Unidos, em virtude do crescente interesse pelos símbolos políticos, particularmente presentes no quotidiano norte-americano durante a II Guerra Mundial (Bardin, 1977). As décadas seguintes são palco de discussões académicas em torno definição metodológica da análise de conteúdo, assistindo-se à sua expansão a novas áreas de estudo para lá da comunicação e da Ciência Política, bem como se discute se esta técnica deve assentar mais preponderantemente numa vertente quantitativa ou qualitativa (Reis, 2017).

A partir dos anos 70, e acompanhando os avanços tecnológicos e a crescente utilização do computador nas investigações científicas, o campo da análise de conteúdo estende-se também para o estudo de imagens, aproximando-se da semiótica (Bardin, 1977). Esta ciência, que procura estudar o modo como se relacionam os signos de forma a criar significados particulares, foi desenvolvida no início do século XX pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, na Europa, e pelo cientista Charles Pierce, nos Estados Unidos. Porém, enquanto Saussure se centrava no estudo concreto dos sistemas de signos dentro do campo da linguística, Pierce adota uma perspetiva mais generalizada ao estabelecer uma tipologia geral dos signos que engloba dimensões como o ruído, a imagem ou o som (Joly, 2007). Neste sentido, é particularmente relevante destacar a síntese de Martine Joly sobre a conceção de Pierce das imagens enquanto representações, defendendo que se “(...) são compreendidas por outros que não aqueles que as fabricam,

é porque existe entre elas um mínimo de convenção sociocultural, por outras palavras, que elas devem grande parte da sua significação ao seu aspeto de símbolo”.

A mesma autora defende que não há um método predefinido de análise de conteúdo de imagem predefinido, cabendo adaptar esta análise aos objetivos concretos do trabalho que se pretende realizar (Joly, 2007).

Análise

A análise prosseguiu dois níveis distintos, sendo que primeiramente foi realizada a codificação da totalidade dos *posts*, procurando assim formular uma vertente mais descritiva relativamente às formas como é evocada a memória da Revolução no grupo de *Facebook* “25 de Abril”. Posteriormente, desenvolveu-se uma análise específica aos conteúdos publicados no dia 25 de Abril de 2022, uma opção que se justifica pela pertinência de esta efeméride ser o aniversário da Revolução e o motivo primordial para a constituição do grupo *online*, bem como pelo facto de neste dia ter ocorrido o pico de publicações do período analisado.

No que concerne ao primeiro método foram estabelecidas sete categorias principais através da codificação das 228 publicações no grupo de *Facebook*, permitindo distinguir e explorar as diversas formas de evocação do 25 de Abril. Relativamente ao número de categorias delineadas, e ainda que Saldana não avance com um número de conceitos centrais ideal para a operação de codificação, o número resultante da análise vai ao encontro do que é sugerido por Cresswell (2007) e Marilyn Lichtman (2006). Primeiramente, foram formuladas sete categorias principais, designadamente “Divulgação”, “Memória/História”, “Celebração”, “Cultura”, “Internacional”, “Outros”, “História”, cujos resultados constam no Anexo A. Contudo, após um segundo ciclo de análise dos conteúdos codificados, procedeu-se à reformulação das categorias principais, resultando a sua adequação em cinco categorias, nomeadamente “Divulgação”, “Comemoração”, “Memória/História”, “Cultura” e “Atualidade Nacional e Internacional”, cujos resultados constam no Anexo B.

Seguindo uma lógica crescente do número de conteúdos codificados por categoria, surge primeiramente “Atualidade Nacional e Internacional”, que reuniu 20 publicações. Apesar da expressiva maioria de conteúdos publicados no grupo “25 de Abril” possuir uma relação com a Revolução, não deixa de ser notória a presença que a atualidade, tanto relativa a matérias sobre Portugal como sobre a esfera internacional, acaba por ter na interação desta comunidade virtual. Todos os temas codificados nesta categoria marcaram a agenda mediática no período em que se realizou a análise, pelo que se torna oportuna uma leitura das posições assumidas através das publicações, procurando estabelecer uma ligação entre estes posicionamentos políticos e a Revolução.

No que concerne à atualidade nacional foi possível agregar, por exemplo, publicações relativas à esfera partidária, destacando-se a partilha de notícias sobre figuras políticas do partido Chega. Entre o conteúdo informativo partilhado, constam *posts* relativos às condenações de uma vereadora e de um deputado que representam este partido, bem como sobre a escassez de transparência na nomeação de assessores parlamentares. Ainda dentro do espectro partidário, foi publicada uma crítica à posição do Partido Comunista Português face à Guerra na Ucrânia. Este conflito armado, desencadeado pela invasão do território ucraniano por parte da Federação Russa, a 24 de fevereiro de 2022, marcou a agenda mediática do período que se seguiu, em virtude da dimensão internacional que adquiriu, coincidindo também, desta forma, com a celebração do 25 de Abril. O tema da guerra foi, de resto, recorrente no conjunto de publicações, surgindo também através da partilha de informação veiculada pela página portuguesa da Amnistia Internacional sobre formas de ajudar quem sofria com este conflito. Por último, destaca-se, ainda, um conjunto de publicações que apelam à assinatura de uma petição relativa à necessidade de adaptar a Lei da Nacionalidade à realidade pós-pandemia. Com este conjunto de publicações é possível aferir que a celebração do 25 de Abril no grupo ocorreu simultaneamente com a partilha de conteúdos que negativamente se focam no partido Chega e com a divulgação de informação relativa a aspetos sociais.

Complementarmente, esta categoria engloba também conteúdos que se referem à atualidade internacional, sendo possível enunciar publicações relativas à guerra entre a Rússia e a Ucrânia, nas quais se denota transversalmente um tom crítico face à ofensiva russa, bem como sobre as eleições presidenciais em França, em virtude de as duas voltas do ato eleitoral ocorrerem em abril de 2022, e onde o principal tema é a crítica a Marine Le Pen. Entre os conteúdos codificados encontra-se também uma publicação crítica do processo de extradição de Julian Assange para os Estados Unidos, país do qual o fundador da plataforma Wikileaks fugiu em 2010 para evitar o julgamento por espionagem, passando em 2012 a residir na Embaixada do Equador em Londres, dado o asilo político que lhe foi concedido.

É verosímil afirmar que esta se constitui como a categoria da análise que mais diverge de uma dimensão evocativa da memória do 25 de Abril, dada a diversidade dos conteúdos que engloba. Ainda que o número de perfis que interage no grupo seja reduzido, quando comparado com o número total de membros que o compõe, as publicações codificadas nesta dimensão de análise revelam posições eminentemente politizadas face aos temas

abordados. Deste modo, uma parte da comunidade virtual utiliza o grupo de *Facebook* enquanto espaço de discussão política, demonstrando o acompanhamento da agenda mediática. Ainda que seja restrito o número de perfis que publica conteúdos em torno de temas que marcaram a atualidade, é possível perceber que se estabelece uma defesa dos princípios que emanam da Revolução, sobretudo no que concerne à crítica de forças políticas conotadas com o campo da extrema-direita.

Ainda que o grupo de Facebook em análise se constitua, sobretudo, em torno da Revolução, destacam-se também a inevitável presença de conteúdos relativos à exaltação da resistência à ditadura e de celebração do período imediatamente posterior ao 25 de Abril. Em ambos os casos, a memória coletiva é evocada através de distintos conteúdos de cariz cultural, conotados com os períodos em causa, o que contribuiu para a definição da categoria “Cultura”.

Entre os 35 *posts* assim codificados, encontram-se a partilha de músicas conotadas com o golpe militar que depôs a ditadura, como é o caso das duas canções que constituíram senhas na Revolução, nomeadamente “Grândola, Vila Morena” e “Depois do adeus”, mas também outros registos musicais da obra de José Afonso, bem como de Sérgio Godinho ou Chico Buarque. No que concerne à literatura, destaca-se a partilha de poemas a evocar o conceito de Liberdade, publicados por autores diversos como Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner ou Manuel Alegre. Relativamente às artes plásticas, destaca-se a partilha de um quadro de Maria Helena Vieira da Silva relativo ao 25 de Abril, da obra “Delacroix no 25 de Abril em Atenas”, de Nikias Skapinakis, e de uma obra de Banksy. Excluindo o último caso, todos os restantes são exemplos de como a Revolução compreende também uma dimensão memorialística que envolve determinadas vertentes artísticas.

A nível musical, destaca-se a publicação de um conjunto de “Sons de Abril”, músicas de distintos períodos, desde a contestação ao salazarismo até aos primeiros anos de liberdade, que ocupam um espaço particular na música popular portuguesa, sobretudo pela estreita relação com a realidade social e política do tempo em que foram produzidas (Côrte-Real, 1996).

No campo da poesia portuguesa, o 25 de Abril emergiu enquanto acontecimento que provocou uma particular produção escrita, sendo que se destacava já uma vertente poética de contestação ao regime ditatorial nas décadas antecedentes a 1974. De resto, o empenho

cívico de muitos autores ao longo dos anos em que estiveram sujeitos à censura materializou-se, posteriormente, na efusiva criação artística que saudaria a Liberdade (Martinho, 1999). Os poetas evocados inserem-se nesta dimensão de serem, simultaneamente, artistas e testemunhas do período da Revolução, contribuindo a sua produção literária para o simbolismo que a Liberdade adquiriu com o 25 de Abril e que é alvo da evocação *online*.

Por último, é ainda relevante salientar que também a partilha de artes plásticas no grupo segue um enquadramento histórico semelhante, dada a relação que a pintura teve com a Revolução. Os artistas que residiam em Portugal aquando do 25 de Abril e os que do exílio regressaram com o final da ditadura foram participantes do ambiente político vivido, marcado pela democratização do acesso à arte por parte de novos públicos (Roque, 2019). Entre estes artistas, encontram-se Vieira da Silva e Nikias Skapinakis, que pintariam, justamente, obras alusivas à Revolução, de que são exemplo as publicadas no grupo de *Facebook* durante o período de análise.

A evocação de elementos conectados com o imaginário cultural em torno do 25 de Abril permite compreender que o valor simbólico e político impresso, então, em variadas formas artísticas continua a ser reconhecido por uma identidade coletiva, que se apoia em determinadas expressões culturais para celebrar a Revolução. Importa ainda, no contexto deste trabalho, ressaltar a componente de mediação que o *Facebook* adquire, uma vez que é através desta rede social que são transportadas para o contexto digital as referidas obras. Deste modo, a componente cultural substancia a preservação da memória coletiva que a comunidade virtual presente no grupo “25 de Abril” efetua.

Outra das categorias formuladas designou-se como “Comemoração”, sendo constituída por 43 casos. Nesta categoria ficaram agrupados conteúdos visuais que somente evocam o 25 de abril, sem quaisquer mensagens complementares, de que são exemplo imagens, cartazes ou caricaturas com símbolos da Revolução, como cravos ou o rosto de Salgueiro Maia, mas também com a referência à data 25 de Abril. Incorporam também esta categoria publicações no grupo que remetem para mensagens relativas à comemoração da Revolução de forma explícita, tais como “Viva o 25 de Abril de 1974”.

No que concerne ao período de análise das publicações, salienta-se o elevado número de conteúdos inseridos nesta categoria partilhados no dia 25 de Abril, sendo estes mais de metade (23) do total de publicações categorizadas como “Comemoração”. O facto de

a maior incidência na publicação de conteúdos que simbolicamente evocam o 25 de Abril ocorrer no dia em que se celebra o aniversário da Revolução permite perceber, desde logo, o legado prevalecente dos seus principais símbolos na memória coletiva.

O imaginário em torno da Revolução é marcado, primordialmente, pelos cravos encarnados depositados em canos de espingardas, que ao substituírem as balas acabaram por contribuir, de forma singela, para a designação de Revolução dos Cravos. Como mais tarde afirmaria Eduardo Lourenço, “(...) a vários títulos a revolução de 25 de Abril, a começar pelo epíteto mítico que a tomou célebre no Mundo, foi um acontecimento singular.” (Lourenço, Eduardo citado por Cruzeiro, Manuela, 1994: 460). A importância visual dos cravos na evocação do 25 de abril é partilhada com a memória dos principais vultos que nele participaram militarmente, entre os quais se destacam Otelo Saraiva de Carvalho e Salgueiro Maia pelo papel nas operações militares no dia da Revolução. Deste modo, destaca-se a presença de conteúdos sobre este último capitão de Abril, designadamente através de imagens suas, registadas sobretudo no decorrer do dia 25 de Abril, bem como imagens do seu rosto ladeado de cravos, totalizando 6 *posts* que exclusivamente exaltam a figura de Salgueiro Maia.

Entre os restantes *posts* que compõem a categoria, encontram-se cartazes das celebrações populares organizadas pela comissão promotora do desfile comemorativo do 25 de Abril na Avenida da Liberdade ou o cartaz que anualmente é elaborado pela Associação 25 de Abril de modo a festejar o aniversário da Revolução, que em 2022 se celebrou sob o lema “Mais cravos que ditadura”, remetendo para o facto de a longevidade do período democrático, marcada pelo 48º aniversário do 25 de Abril, ter superado o período em que esteve vigente a ditadura salazarista. A partilha de conteúdos elaborados coletivamente é complementada por publicações de perfis que isoladamente divulgam imagens que remetem, sobretudo, para o símbolo do cravo.

É verosímil sustentar que as publicações agrupadas nesta categoria tendem a transpor para a dimensão digital determinados traços do conceito da “Era da Comemoração”, criado por Pierre Nora. Defende o autor que, a partir da década de 1970, tem lugar em várias sociedades um crescente número de comemorações relacionadas com acontecimentos históricos e, derivando em parte da mediatização em torno dos mesmos, a exaltação da memória coletiva encontra-se também relacionada com a construção da identidade nacional baseada na comemoração de feitos passados (Nora, 1989).

No caso concreto do grupo “25 de Abril”, esta premissa é verificável pelo histórico de comemorações que ao longo das últimas décadas têm sido organizadas por instituições e grupos populares, mas no caso particular deste trabalho também pela comunidade virtual reunida no *Facebook*. A constituição de uma rede de perfis que se dedica, de forma praticamente exclusiva, a discutir dimensões relacionadas com a Revolução conduz a que a comunidade em análise seja exemplificativa de uma extensão da evocação e das comemorações do 25 de Abril para o campo digital e, conseqüentemente, demonstrativa de que é verificável uma dimensão digital da “Era da Comemoração”.

Seguidamente, analisa-se a categoria “Divulgação”, onde se inserem todos os *posts* relativos à publicitação de variados eventos, e que conta com 56 publicações no grupo. Entre estas, encontram-se *posts* relativos a exposições temáticas sobre os períodos da ditadura e da Revolução, bem como de divulgação de concertos de homenagem a artistas conotados com a música de intervenção, como José Mário Branco, Adriano Correia de Oliveira e Zeca Afonso, ou ainda lançamentos de livros sobre a dimensão censória da ditadura e relativos a exílios entre Portugal e França durante o Estado Novo.

O amplo leque de eventos divulgados no grupo de *Facebook* acaba por englobar várias das dimensões que as categorias anteriormente analisadas procuraram codificar, o que permite constatar o carácter heterogéneo da amostra e, conseqüente, concluir que são diversas as formas de celebrar a memória do 25 de Abril. A própria divulgação de atividades em torno da temática da Revolução consolida-se enquanto modo particular de evocar a memória coletiva, permitindo que a comunidade virtual tenha conhecimento de formas diversas de partilhar o interesse pelo tema fora da esfera digital. Deste modo, esta categoria demonstra como a comunidade *online* de perfis vê o grupo de Facebook como um meio de divulgação eficaz para alcançar um público interessado em matérias relativas à Revolução.

Destaca-se, também, a ampla abrangência territorial dos locais onde se realizaram os eventos divulgados pelos membros do grupo, demonstrando que esta comunidade virtual de perfis de *Facebook* acaba por ter um alcance significativo não somente no número de membros, como também no número de acontecimentos que cobre a nível nacional.

Outra das formas encontradas para evocar a Revolução no grupo de Facebook em análise prende-se com publicações relativas a conteúdos que tratem a memória e a história, tanto de Portugal, com particular incidência no período de ditadura e nos

primeiros tempos após o 25 de Abril, como a nível internacional, através da evocação de figuras e acontecimentos marcantes para a memória da resistência.

Designada como “Memória/História”, esta categoria representa uma forma mediada de evocar o 25 de Abril através de publicações sobre lugares, testemunhos, objetos e acontecimentos. É possível distinguir entre a evocação da Revolução de forma direta, como através da publicação de testemunhos pessoais relativos ao período de resistência e sobre o dia 25 de Abril de 1974, como também de forma mais genérica, designadamente evocando acontecimentos históricos relevantes para a construção da memória coletiva do período de ditadura e da Revolução. Ao todo, foram classificados 72 conteúdos nesta categoria, representando aproximadamente um terço da amostra, pelo que se torna também oportuna uma leitura mais pormenorizada desta categoria em virtude do conteúdo que a mesma agrega.

A primeira componente que se torna pertinente de ressaltar baseia-se na partilha de três testemunhos diretos sobre o dia 25 de Abril de 1974, configurando estes *posts* um exemplo de “memória cintilante”, pois o dia evocado representa um acontecimento que é recordado de forma precisa, mesmo que tenha ocorrido há aproximadamente cinco décadas. A estas publicações, soma-se uma outra que remete para um testemunho sobre o exílio de Portugal durante o período de ditadura e que reforça o papel da memória individual no seio do grupo em análise.

Ainda que variem quanto ao grau de precisão e detalhe da matéria recordada, a presença de conteúdos testemunhais permite aferir o modo como o grupo “25 de Abril” constitui uma comunidade que medeia o contacto privilegiado para aliar a comemoração desta efeméride com a divulgação de memórias pessoais na rede social *Facebook*. Destaca-se ainda a partilha de entrevistas sobre o 25 de Abril a personalidades como Irene Pimentel, Anabela Mota Ribeiro e o capitão Carlos Matos Gomes, que, apesar de não configurarem testemunhos diretos sobre a Revolução, são conteúdos que veiculam também uma visão pessoal sobre diversas das suas dimensões.

A par de uma mediação da memória individual, ocorreu simultaneamente no grupo em análise a publicação de conteúdos que evocam traços comuns da memória coletiva do 25 de Abril e que compõem também esta categoria. Uma dessas dimensões refere-se à partilha de várias fotografias de lugares da cidade de Lisboa nos quais se desenvolveram diversas ações militares no dia da Revolução. Entre as publicações, encontram-se locais

como os estúdios da Rádio Renascença à data do 25 de Abril, por terem sido neste espaço emitidas as senhas da operação militar conduzida pelos capitães, a Casa da Moeda, por ter sido controlada por uma unidade militar no dia 25 de Abril, ou ainda a Rua António Maria Cardoso, onde ficava sediada a PIDE/DGS.

Na maioria dos casos, os locais são evocados por pertencerem ao roteiro “Lugares de Abril”, inaugurado em 2019 pela Câmara Municipal de Lisboa com o intuito de assinalar diversos lugares que passaram possuir placas evocativas e explicativas dos acontecimentos que ali ocorreram no dia 25 de Abril. Registaram-se também publicações com registos fotográficos do Largo do Carmo, bem como do interior do quartel aí situado, local emblemático da transição para a democracia, bem como de objetos concretos relacionados com o local evocado, como a cadeira de Marcello Caetano ou os livros perfurados por balas disparadas no dia 25 de Abril. Estas imagens carregam um elevado valor histórico que complementa a partilha de publicações referentes à memória coletiva no grupo de *Facebook*, destacando-se a evocação de *lieux de mémoire*, como o Quartel do Carmo, por parte desta comunidade virtual.

A par da memória coletiva que os locais referidos acabam por exaltar, foram ainda agrupados nesta categoria elementos que exemplificam a perpetuação da memória do 25 de Abril *online*. Entre estes, destaca-se a partilha de conteúdos como imagens de Lisboa nos primeiros dias após a Revolução, bem como da evocação de acontecimentos ocorridos pela primeira vez em democracia, como é o caso do primeiro decreto legislativo publicado depois do 25 de Abril e do registo, em vídeo, do primeiro telejornal emitido no rescaldo do fim da ditadura.

Por último, e na vertente histórica que esta categoria compreende, é oportuno destacar ainda a publicação de conteúdos que evocam determinados factos e acontecimentos que contribuem para a evocação de um legado de resistência prévio ao 25 de Abril. Entre estes, encontram-se conteúdos sobre a história de Portugal, mas também sobre figuras e acontecimentos internacionais. Relativamente ao contexto português, é possível identificar exemplos como um artigo relativo à Taça de Portugal de 1969, evento marcante da Crise Académica que nesse ano é desencadeada e se insere na oposição ao Estado Novo, ou a publicação da “Lei da Separação do Estado das Igrejas”, projeto legislativo que marca o período da República, o qual contribuiu também para um legado de resistência à ditadura. Somam-se ainda a partilha do *site* “História da Classe Trabalhadora”, página que agrega informação sobre efemérides relacionadas com

movimentos sociais e operários ou ainda a evocação do falecimento da militante comunista alemã Olga Benário Prestes num campo de concentração na Alemanha em 1942, depois de ser presa e deportada do Brasil, em 1935, por participar na Revolta Comunista contra o governo de Getúlio Vargas.

A ausência de uma relação direta destas publicações com o 25 de Abril não inibe que o grupo de Facebook seja visto como meio congregador de conteúdos referentes a variados acontecimentos históricos e que, conseqüentemente, mobilize uma componente memorialística. Porém, nesta categoria, acaba por ser predominante a expressão da memória ligada à resistência, evocada através de diferentes dimensões, mas que acaba por ter um carácter transversal a estes *posts*.

Deste modo, torna-se verosímil afirmar que os elementos agrupados na categoria “Memória/História” retratam dimensões materiais e não materiais da história da Revolução, mas em ambos os casos caminham para o mesmo fim, o de confirmar a importância histórica que este evento adquiriu ao longo das últimas décadas na memória coletiva nacional.

O grupo de *Facebook* criado para o efeito de continuamente lembrar e discutir aspetos do 25 de Abril cumpre o propósito de manter esta evocação ativa, transportando-a para uma rede social digital e, conseqüentemente, chegando a uma larga comunidade de perfis, sendo verosímil considerar que o grupo em análise opera enquanto um espaço exemplificativo da “memória de multidão”. A vertente *online* vem, assim, complementar a celebração que fora dos meios digitais tem lugar, ajustando a preservação da memória coletiva às dinâmicas de comunicação atuais.

A utilização de um segundo método de análise qualitativa num corpus empírico mais circunscrito procurou aferir, de forma mais precisa, o modo como se desenvolveu a celebração da Revolução durante o dia 25 de Abril no seio da comunidade *online* que constitui o grupo de *Facebook* investigado. Por questões de exequibilidade, a subamostra sobre a qual incide este método é composta por cinquenta publicações que foram partilhadas no dia 25 de Abril de 2022, sendo estas analisadas através de diferentes níveis de análise.

Primeiramente, irá ser explorado o tipo de publicação, onde é possível distinguir entre a partilha de distintos formatos visuais e textuais, designadamente fotografias, caricaturas, imagens, vídeos, páginas de *websites* e textos. Outra das dimensões que

compõe este método de análise é perceber a distribuição dos conteúdos publicados no dia 25 de Abril pelas categorias formuladas para a codificação previamente realizada, distinguindo-se entre “Memória/História”, “Divulgação”, “Comemoração”, “Cultura” e “Atualidade Nacional e Internacional”. Por último, desenvolve-se um nível de análise que procura aferir e interpretar a presença de diferentes símbolos da Revolução nos conteúdos partilhados pelos membros do grupo “25 de Abril”.

No que concerne à primeira vertente da análise de conteúdo, designadamente a distribuição das publicações no grupo de *Facebook* por tipo de formato, é possível constatar os resultados na seguinte tabela:

Formato da publicação	Nº de publicações	% de casos
Fotografia	18	36%
Vídeo	9	18%
Texto	8	16%
Página	6	12%
Imagem	6	12%
Ilustração	2	4%
Cartoon	1	2%

Tabela 3. Resultados absolutos e percentuais da distribuição dos conteúdos publicados no grupo de Facebook "25 de Abril" pelo tipo de formato.

Face à distribuição dos conteúdos é possível perceber a preponderância que os conteúdos visuais têm quando comparados com os *posts* em formato textual, sobretudo através da publicação de fotografias e vídeo. A soma de publicações nestes formatos representa a maioria da amostra, sendo que a preferência por este tipo de conteúdos pode ser justificada pelo facto de o 25 de Abril representar um acontecimento histórico amplamente registado, cujas imagens contribuíram, ao longo dos anos, para a criação de um imaginário e de uma imagética própria e que tem sido continuamente evocado. A partilha de imagens que refletem momentos particularmente conotados com o período da Revolução no grupo em análise leva a considerar que a comunidade *online* comemora o 25 de Abril na atualidade com elementos visuais fundamentalmente baseados no passado histórico.

Destaca-se também neste nível de análise a presença de fotografias a preto e branco entre os registos publicados, designadamente do dia da Revolução, mas também de

partilhas ligadas à memória da resistência ao Estado Novo, como antigas fichas de presos políticos ou do dia 27 de abril de 1974, que marca a libertação dos presos políticos das diversas cadeias a nível nacional. A partilha destes registos é particularmente relevante na evocação da Revolução por parte dos perfis que constituem o grupo, por representar uma abordagem direta à memória coletiva celebrada pela comunidade *online*.

A evocação de uma dimensão ligada à resistência ao Estado Novo demonstra como o grupo de *Facebook* se organiza como um espaço de exaltação de determinadas faces da resistência, enquanto simultaneamente evoca a Revolução e os seus valores. Deste modo, constata-se que a comunidade desenvolve uma comemoração abrangente no que concerne à temática dos conteúdos, uma vez que esta acaba por transcender o dia 25 de Abril e enquadrar a comemoração dos valores saídos da Revolução por oposição aos vigentes no Estado Novo.

A elevada valorização da componente imagética, que se verifica através da distribuição das frequências dos conteúdos, ocorre em detrimento dos restantes formatos, contudo não se verifica uma alteração significativa no conteúdo partilhado. Tanto as publicações de texto, através das quais são transmitidos testemunhos e se celebra a Revolução, como os *websites* divulgados, procuram de forma semelhante contribuir para a evocação do 25 de Abril no seio da comunidade em rede.

Num segundo nível de análise, procurou-se apurar a distribuição dos conteúdos pela divisão de categorias que guiou a aplicação do método de codificação, resultando na tabela seguinte:

Categoria	Nº de publicações	% de publicações
Comemoração	23	46%
Memória/História	16	32%
Cultura	8	16%
Atualidade	2	4%
Divulgação	1	2%

Tabela 4. Resultados absolutos e percentuais da distribuição dos conteúdos publicados no grupo de Facebook "25 de Abril" pelas categorias de codificação formuladas.

Através destes resultados, torna-se verosímil afirmar que no dia em que se passou mais um aniversário da Revolução, o grupo de *Facebook* “25 de Abril” utilizou esta rede social *online*, sobretudo, para comemorar a efeméride. A preponderância que a categoria referente à comemoração adquire revela que os utilizadores do grupo veem esta rede como uma plataforma comunicacional de mediação para a partilha da celebração do 25 de Abril com outros membros da comunidade imaginada a que pertencem.

Acresce ainda a dimensão da componente da memória, que tem também uma significativa presença entre os conteúdos publicados, o que efetiva a vertente de evocação que o grupo adquire para a comunidade que através dele contacta. A preponderância assumida por estas duas categorias revela que o grupo de *Facebook* foi, maioritariamente, utilizado enquanto espaço mediado para preferencialmente comemorar e recordar a Revolução. Pode mesmo distinguir-se entre dois níveis de evocação por parte dos perfis que publicaram conteúdos no dia da efeméride, sendo que, por um lado, verifica-se a partilha de publicações que apenas visam evocar o dia em causa de forma implícita, através da partilha de determinados símbolos como cravos e sem mensagens complementares, enquanto, por outro lado, existem publicações que procuram partilhar testemunhos diretos sobre episódios relativos ao dia 25 de Abril de 1974.

No que concerne às restantes categorias, os resultados evidenciam ainda que a celebração da efeméride por parte da comunidade compreende também uma vertente cultural significativa. Entre os conteúdos partilhados encontram-se registos da obra de Zeca Afonso, Sérgio Godinho ou Maria Helena Vieira da Silva, sendo que em todos os casos há uma afirmação dos ideais da Revolução, sobretudo através do conceito de Liberdade. Deste modo, é possível compreender que o grupo de *Facebook* enquadra a dimensão artística na comemoração do 25 de Abril, associando diferentes expressões culturais ao período evocado.

Por outro lado, as categorias que se referem à atualidade e à divulgação acabam por ter uma presença residual entre os conteúdos publicados, demonstrando que no dia 25 de Abril a comunidade comunica, sobretudo, no sentido de se restringir ao tema da Revolução de forma tendencialmente evocativa.

Um terceiro nível de análise procurou apurar a evocação de símbolos da Revolução pela comunidade virtual no dia 25 de Abril, registando-se os resultados que constam na seguinte tabela:

Categoria	Número de publicações
Sem símbolo	26
Cravo	17
Locais	5
Salgueiro Maia	3
Chaimite	1
Capitães	1

Tabela 5. Resultados absolutos e percentuais da distribuição dos conteúdos publicados no grupo de Facebook "25 de Abril" pelas categorias de símbolos ligados à Revolução.

No que concerne à presença de símbolos associados à Revolução nas publicações do grupo de *Facebook*, importa salientar que em determinados conteúdos foi possível identificar mais do que uma categoria de símbolos, pelo que o número total de *posts* analisados através desta dimensão é superior ao número efetivo de publicações que compõem o corpus da análise.

Relativamente aos diferentes símbolos, foram identificadas cinco categorias principais, sendo que ao longo do dia 25 de Abril se destaca a maior presença do cravo entre as publicações, confirmando o seu papel preponderante na memória coletiva da comunidade imaginada que se constitui em torno da evocação da Revolução. A elevada frequência com que este símbolo aparece pode ser explicada à luz da associação que se estabeleceu, a nível histórico, entre a alteração do regime político vigente em Portugal em 1974 e o cravo enquanto símbolo maior do dia 25 de Abril.

Simultaneamente, mas ainda que de forma residual, estão presentes outros elementos que compõem o imaginário coletivo do 25 de Abril, como é o caso de determinados locais afetos à memória da resistência à ditadura ou da Revolução. Entre estes encontram-se o Forte de Peniche, em virtude de ter servido enquanto cárcere para presos políticos durante a ditadura, ou o Teatro São Luiz, que evoca os artistas censurados através de uma placa comemorativa, bem como exemplos de lugares que evocam a memória especificamente relacionada com as operações militares que ocorreram no dia da Revolução, como o Quartel do Carmo ou a Casa da Moeda. A publicação de conteúdos alusivos a locais que, pela sua importância, são associados a acontecimentos relevantes, e como tal configuram exemplos de *lieux de memoire*, revela que a memória coletiva em torno da Revolução é

evocada e perpetuada não só pelos valores e símbolos a si associados, como também pela dimensão histórica que os membros do grupo de *Facebook* procuram preservar.

Entre as restantes categorias encontra-se também patente a dimensão militar através da figura de Salgueiro Maia ou da viatura militar utilizada durante a Revolução, nomeadamente a chaimite. Ambos os casos confirmam que os símbolos militares permanecem associados à memória coletiva da comunidade imaginada, ainda que esta acabe por privilegiar a simbologia não militar nos conteúdos que publica de forma a comemorar o 25 de Abril.

Conclusão

Ao longo da presente dissertação procurou-se perceber como uma comunidade imaginada, formulada a partir da evocação da memória pessoal e coletiva do 25 de Abril, recorda e celebra a Revolução na esfera *online*, designadamente num grupo de *Facebook* criado especificamente para o efeito de evocar múltiplas dimensões relacionadas com esta data histórica.

A análise realizada conjugou dois métodos distintos adaptados às questões de partida, nomeadamente a codificação dos conteúdos partilhados pelos perfis de *Facebook* que compõem o grupo “25 de Abril” durante dez dias de abril de 2022, permitindo compreender de que formas é celebrada a Revolução. Este método teve como principal limitação a operacionalização da pesquisa *online* de conteúdos, uma vez que inicialmente se ponderou alargar o universo temporal da análise para anos transatos. Porém, em virtude da impossibilidade de recolher dados cronologicamente distantes, dada a lógica de funcionamento dos grupos de *Facebook*, optou-se pela definição de um período que abrangesse somente o ano de 2022.

A análise de conteúdo, o segundo dos métodos utilizados, foi aplicada às publicações partilhadas exclusivamente no dia 25 de Abril de 2022, possibilitando perceber como ocorre a celebração da Revolução no seio da comunidade *online* investigada e quais os elementos evocados no dia da efeméride que motivou a criação do grupo de *Facebook*.

Relativamente à evocação do 25 de Abril, concluiu-se que existe uma heterogeneidade no âmbito das publicações efetuadas pelos perfis que partilharam algum tipo de conteúdo, distinguindo-se entre elas cinco categorias principais, designadamente “Memória/História”, “Divulgação”, “Comemoração”, “Cultura” e “Atualidade Nacional e Internacional”.

Deste modo, considera-se verosímil afirmar que é verificável uma diversidade de formas de evocar o 25 de Abril no contexto que o grupo de *Facebook* representa. Contudo, a preponderância das dimensões relacionadas com a memória e a divulgação, que representam respetivamente 32% e 25% do total de publicações no período em análise, indica diferenças relevantes entre as categorias formuladas na análise. Através destes resultados é possível perceber, por um lado, que o grupo evoca a Revolução, predominantemente, através de conteúdos conectados com a memória pessoal dos seus

membros ou com referências à memória coletiva em torno do 25 de Abril e, por outro lado, que a comunidade percebe o grupo de *Facebook* enquanto espaço mediado privilegiado para comunicar eventos sobre dimensões relacionadas com a Revolução. No que concerne ainda aos resultados apurados pelo método de codificação, importa salientar também que a comemoração direta do 25 de Abril e a vertente cultural relacionada com esta data histórica, evocada através de conteúdos que evocam diferentes expressões artísticas, adquirem uma expressão significativa no conjunto de publicações, representando respetivamente 19% e 16% do total de publicações analisadas.

As categorias mencionadas representam as quatro formas encontradas para evocar a Revolução no grupo “25 de Abril”, sendo que a distribuição de resultados permite concluir que este espaço mediado é utilizado pelos perfis de *Facebook* para evocar a memória diretamente relacionada com a Revolução. Esta consideração é também sustentada pelo facto de os conteúdos partilhados privilegiarem a dimensão histórica e comemorativa associada ao 25 de Abril, em detrimento de publicações que versem sobre a atualidade, uma vez que estas acabaram por ter uma presença residual entre a amostra, com 9% do total dos conteúdos.

Através da análise de conteúdo foi também possível perceber como se procede à celebração da Revolução no seio da comunidade *online* durante o próprio dia que serve de mote para o grupo de *Facebook*. Com a aplicação deste método pode concluir-se que, durante o dia 25 de abril de 2022, a comunidade reunida no grupo procurou utilizar este espaço mediado, principalmente, para comemorar diretamente a data histórica e para evocar a memória associada à Revolução. Desta forma, pode conferir-se que a dinâmica de celebração da comunidade imaginada é repercutida na esfera digital através do grupo de *Facebook* “25 de Abril”.

As publicações partilhadas no dia em que se celebrou o 48º aniversário demonstraram também a preferência pela partilha de conteúdos visuais, tais como fotografias e vídeos, uma opção que ajuda também a explicar a frequência dos símbolos da Revolução entre as publicações. A evocação da componente simbólica associada ao 25 de Abril consubstancia a noção de que este momento histórico é significativamente evocado através do cravo encarnado, um símbolo que permanece intrinsecamente ligado à memória histórica da Revolução.

Bibliografia

- Anderson, Benedict (2006). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres. Verso.
- Bardin, Laurence (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa. Edições 70.
- Castells, Manuel (2007). *A sociedade em rede*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Côrte-Real, Maria (1996). Sons de Abril: estilos musicais e movimentos de intervenção político-cultural na Revolução de 1974. *Revista Portuguesa de Musicologia*, nº 6, pp. 141-71.
- Craveiro, Joana (2016). “Que Teatro é Este?”. Pensamento e Processo de um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas, *Sinais De Cena*, n.º 1, pp. 27-48.
- Cresswell, J.W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Thousand Oaks. Sage
- Cruzeiro, Maria Manuela (1994). *O imaginário político do 25 de Abril*. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cruzeiro, Maria Manuela (2014). O 25 de Abril de 1974: Memória da Revolução e Revolução da Memória. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*. Vol. 2, pp. 25-34.
- Cruzeiro, Maria Manuela (2018). Revolução, história e memória. O 25 de Abril e os desafios da História Oral. Coimbra. *e-cadernos CES*.
- Halbwachs, Maurice (1992). *On Collective Memory*. Chicago. University of Chicago Press.
- Hoskins, Andrew (2009). The Mediatisation of Memory. In Garde-Hansen, Joanne, Hoskins, Andrew, Reading, Anna. *Save As...Digital Memories*. Londres. Palgrave Macmillan,
- Hoskins, Andrew (2017). *Digital Memory Studies: Media Pasts in Transition*. Routledge.
- Huntington, Samuel P. (1991) *The Third Wave: Democratization in the Late Twentieth Century*. Oklahoma. University of Oklahoma Press.
- Joly, Martine (2017). Introdução à análise da imagem. Lisboa. Edições 70.

- Lança, Marta (2016). Também Foi Assim Que as Coisas se Passaram. *Sinais De Cena*, n.º 1, pp. 64-74.
- Lichtman, M. (2006). *Qualitative research in education: A user's guide*. Thousand Oaks. Sage.
- Loff, Manuel (2015). Estado, democracia e memória: políticas públicas e batalhas pela memória da ditadura portuguesa (1974-2014). In Loff, Manuel, Piedade, Filipe, Soutelo, Luciana Castro - *Ditaduras e Revolução: democracia e políticas de memória*. Coimbra. Almedina. pp. 23-143.
- Madden (2010). *Being Ethnographic. A guide to the Theory and Practice of Ethnography*. Londres. Sage.
- Martinho, Fernando (1999). O 25 de Abril na Poesia Portuguesa. *Revista Camões*, nº 5, pp. 54-63.
- Nora, Pierre (1989). Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. *Representations*, nº. 26, pp. 7-25.
- Nora, Pierre (1996). From Lieux de memoire to Realms of Memory. In Nora, Pierre - *Realms of Memory: Rethinking the French Past*, Columbia University Press. pp. 15-24.
- Packer, M. (2011). *The science of qualitative research*. Cambridge. Cambridge University Press.
- Pinto, Amâncio (1998). Memórias autobiográficas e cintilantes e o problema da datação. Núcleo de Análise e Intervenção Educacional da FPCE da UC, *Ensaio em homenagem a Joaquim Ferreira Gomes*. Coimbra. Livraria Minerva. pp. 627-636.
- Raimundo, Filipa (2015). A justiça de transição e a memória do autoritarismo em Portugal. *Revista Contemporânea*, v. 5, nº. 7, pp. 1-32.
- Reis, Bruno (2017). O conteúdo em análise: teoria e práticas da análise de conteúdo. In *Metodologias de investigação em Ciências Sociais*, pp. 205-236.
- Rezola, Maria Inácia (2007). *25 de abril. Mitos de uma Revolução*. Lisboa. Esfera dos Livros.

- Ricoeur, Paul (2004). *Memory, History, Forgetting*. Chicago e Londres. The University of Chicago Press.
- Roque, Isabel (2019). Arte e Liberdade: Artes Plásticas em Portugal após o 25 de Abril. In Cunha, Adelino (Ed.), *Portugal 1974-2019: 45 anos de democracia*. Coimbra. Almedina. pp. 239-286.
- Saldana, Johnny (2016). *The Coding Manual for Qualitative Researchers*. Londres. Sage.
- Schroeder, Ralph (2018). *Social Theory after the Internet: Media, Technology, and Globalization*. UCL Press.
- Silverman, David (2010). *Doing qualitative research*. Londres. Sage.
- Soutelo, L. (2014) O Revisionismo Histórico em Portugal: Origens e Efeitos na Memória da Revolução e do Estado Novo. In Godinho, P., Fonseca, I. e Baía, J., (Coords.), (2014), *Resistência e/y Memória - Perspetivas Ibero-Americanas*. Lisboa. IHC-FCSH/UNL.
- Soutelo, Luciana (2012). Visões da Revolução dos Cravos: combates pela memória através da imprensa (1985-1995). In Varela, Raquel (2012). *Revolução ou Transição? História e Memória da Revolução dos Cravos*. Lisboa. Bertrand.
- Traverso, Enzo (2015). Memórias europeias. Perspetivas emaranhadas. In Loff, Manuel, Piedade, Filipe, Soutelo, Luciana Castro - *Ditaduras e Revolução: democracia e políticas de memória*. Lisboa. Almedina. pp. 405-426.
- Packer, M. (2011). *The science of qualitative research*. Cambridge. Cambridge University Press
- Strauss, A. L. (1987). *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge. Cambridge University Press.
- Van Dijck, José. (2007). *Mediated Memories in the Digital Age*. Stanford. Stanford University Press.
- Van Dijck, Teun. (2006). *The Network Society: Social Aspects of New Media*. Londres. Sage.
- Volkmer, Ingrid (2021). *Social Media and Covid-19: A global study of digital crisis interaction among Gen Z and millennials*. Melbourne. University of Melbourne.

Anexos

Anexo A

Categoria	Nº de publicações	% do total de publicações
Divulgação	53	22,8
Celebração	46	20,2
Memória/História	43	18,9
Cultura	35	15,4
Internacional	23	10,1
Outros	23	10,1
História	5	2,2

Tabela 1. Frequências absolutas e relativas da codificação de conteúdos publicados no grupo de Facebook "25 de Abril".

Anexo B

Categoria	Nº de publicações	% do total de publicações
Memória/História	72	31,6
Divulgação	56	24,6
Comemoração	43	18,9
Cultura	37	16,2
Atualidade Nacional e Internacional	20	8,8

Tabela 2. Frequências absolutas e relativas da recodificação de conteúdos publicados no grupo de Facebook "25 de Abril".